UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AS INTERAÇÕES SOCIAIS ENTRE AS CRIANÇAS E AS APRENDIZAGENS NOS DIFERENTES ESPAÇOS ESCOLARES

Júlia Ketlyn Calixto de Vasconcelos

BRASÍLIA - DF
2017

Júlia Ketlyn Calixto de Vasconcelos

AS INTERAÇÕES SOCIAIS ENTRE AS CRIANÇAS E AS APRENDIZAGENS NOS DIFERENTES ESPAÇOS ESCOLARES

Trabalho Final de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

BRASÍLIA - DF
Dezembro/2017

Monografia de autoria de Júlia Ketlyn Calixto de Vasconcelos, intitulada "**AS INTERAÇÕES SOCIAIS ENTRE AS CRIANÇAS E AS APRENDIZAGENS NOS DIFERENTES ESPAÇOS ESCOLARES**", apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Brasília, em 6/12/2017, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire – Orientadora
Faculdade de Educação, Universidade Brasília

Professora Dra. Ruth Gonçalves de Faria Lopes
Faculdade de Educação, Universidade Brasília

Professora Vera Aparecida de Lucas Freitas
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professor Francisco José Rengifo-Herrera
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Brasília-DF
2017

DEDICATÓRIA

À minha amada família agradeço, por todo apoio nessa jornada chamada vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida e por sempre me conduzir pelo melhor caminho em realização dos meus sonhos e objetivos.

Aos meus amados pais, Antonio e Antonia, por tamanho amor, dedicação e esforço para sempre me oferecer o melhor e estarem comigo sempre.

À minha irmã, Jannayna, meu cunhado, Ricardo e meus sobrinhos, Enrico e Marina, por me apoiar, motivar e torcer tanto por mim.

À minha querida avó, Maria Calisto, por sempre me colocar em suas orações e vibrar comigo cada conquista alcançada.

Ao meu marido, Marlon, pela paciência, motivação e força que me deu durante todo esse processo.

À professora Doutora Ruth Gonçalves de Faria Lopes, como coordenadora do meu primeiro estágio, mesmo muito nova, confiou em mim e me impulsionou a crescer, mostrando que sou capaz.

À escola que trabalho, que me abriu as portas para descobrir esse lindo mundo escolar, confiando em mim, me motivando a crescer dia após dia. Aprendi com vocês como é valioso um sorriso e o amor por aquilo que escolhemos como profissão.

Aos meus amigos, pelos conselhos e apoio.

À querida professora doutora Sandra Ferraz, agradeço por tamanha paciência, compreensão, carinho, aprendizado e alegria que teve em me orientar neste trabalho. Obrigada pela confiança e por não me deixar desistir.

Agradeço à Ana Catharina Sant'Anna Botelho, monitora de Projeto 5, que se dispôs a me ajudar com ideias para a escrita e revisão deste documento.

E, a todos que de alguma forma colaboraram e estiveram comigo nessa jornada, agradeço de coração.

“A vida é um constante recomeço.
Não se dê por derrotado, siga adiante.
As pedras encontradas no caminho,
amanhã enfeitarão a sua estrada.”

Reginaldo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atividade "Relógio humano com barbante!.....32

Figura 2 – "Relógio em funcionamento".....32

Figura 3 – Atividade "Multiplicação com massinha!".....33

Figura 4 – Atividade "Conhecendo as plantas!".....35

Figura 5 – "Observando as características das plantas em equipe" 35

Figura 6 – "Interação entre as crianças e a natureza" 36

Figura 7 – Atividade "Animais e suas características".....36

Figura 8 – "Elaboração do trabalho artístico para o mural".....37

Figura 9 – "Mural criado pelas crianças".....38

Figura 10 – Atividade "Mostra Cultural".....39

Figura 11 – "Atividades produzidas pelas crianças: aquário".....39

Figura 12 – "Atividades produzidas pelas crianças: peixe de cd, fundo com caixas de ovos, corais de massinha feito por eles" 40

Figura 13 – "Atividades produzidas pelas crianças: Corais com massinha e canudinho, submarino carimbado com as mãos" 40

Figura 14 – "Atividades produzidas pelas crianças: Frutas com grande quantidade de água em mosaico com emborrachado colorido cortado em cubinhos".....41

Figura 15 – "Atividades produzidas pelas crianças: Plantações feitas pelas crianças com as famílias e plantação hidropônica com rolinhos de papel higiênico e sementinhas plantadas pelas crianças em sala de aula" 41

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Pátio da escola.....53

Apêndice B - Espaço de convivência – Entrada da escola.....53

Apêndice C - Parque de areia.....54

Apêndice D - Pátio da escola.....54

Apêndice E - Sala de aula 2º ano.....55

Apêndice F - Biblioteca da escola.....55

RESUMO

VASCONCELOS, **Júlia Ketlyn Calixto** de. **As interações sociais entre as crianças e as aprendizagens nos diferentes espaços escolares**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, Brasília: 2017.

Resumo. O trabalho aborda a temática das relações sociais e socioafetivas na aprendizagem com crianças de uma turma do 2º ano do ensino fundamental. Tem por objetivo geral compreender a forma de socialização entre crianças entre 6 e 8 anos de idade no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Tem como objetivos específicos; ~~como~~ promover mudanças nas formas de relacionamento, do cuidar e respeitar o outro; identificar as relações entre a turma e propor dinâmicas a serem usadas nos diferentes espaços escolares visando essa perspectiva. Para os referidos objetivos foi realizada uma pesquisa teórico-metodológica, que visa contextualizar as interações como parte do processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, para assim trabalhar meios que auxiliem uma melhor interação entre a turma, buscando, por fim, compreende as relações sociais, como parte do desenvolvimento pedagógico no ambiente escolar. Foi usado para referência autores como: Branco (1993), Vygotsky (1984), Martins (2005), Queiroz e Maciel (2006), entre outros. O trabalho empírico consistiu de uma pesquisa interventiva, de natureza qualitativa, desenvolvida no ambiente escolar, onde a autora é a professora da turma. Utilizou-se predominantemente da observação participante e análise das interações sociais. Os resultados e a discussão destacam a importância das relações sociais no ambiente escolar entre as crianças e adultos e os diferentes ambientes como parte do desenvolvimento social e da aprendizagem.

Palavras-chave: Relações Sociais. Interações. Ambiente Escolar. Aprendizagem. Criança.

ABSTRACT

VASCONCELOS, Júlia Ketlyn Calixto de. **As interações sociais entre as crianças e as aprendizagens nos diferentes espaços escolares**. [Social interactions among children and learning in different school spaces]. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, Brasília: 2017.

Abstract: The work approaches social and socio-affective relations in learning situations by second grade primary school's children. Its main objective is to understand mains relational aspects of socialization among children between 6 and 8 years old in the process of learning and development. Guided by the inquiry "how to promote changes in the forms of relationship, of caring for and respecting the other?" it aims to identify the relations between the class and to propose dynamics to be used in the different school spaces for development caring and collaborative relationships. The theoretical-methodological grounding focus on social interactions literature as part of the process of learning and development, in order to promote an understanding of the group dynamics and to understand relational aspects of the pedagogical project in the school environment. It used as reference authors such as:Branco (1993), Vygotsky (1984), Martins (2005), Queiroz and Maciel (2006), among others. The empirical work consisted of an interventional research, of qualitative nature, developed in the school where the author is the teacher of the class. Participant observation and analysis of social interactions were predominantly used. The results and the discussion highlight the importance of social relations in the school environment between children and adults and the role of different environments within the school such as indoors and outdoors as part of social development dynamics.

Key-words: Social Relations. Interactions. School Environment. Learning. Children.

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO
"A chama da esperança" 12
INTRODUÇÃO 16
CAPÍTULO 1. "EU, VOCÊ, NÓS!" 19
1.1 A Importância das Interações nas Relações Sociais 19
1.2 O Desenvolver das Interações nas Brincadeiras e Atividades Lúdicas 21
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA 24
2.1 Contexto da Pesquisa 24
2.2 Caracterização dos Sujeitos 26
2.3 Procedimentos 30
CAPÍTULO 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO 31
3.1 As Interações Sociais nas Atividades Dirigidas 31
3.1.1 Atividade fora da sala de aula 31
3.1.2 Atividade em sala de aula 33
3.2 As Interações Sociais nas Atividades Parcialmente Dirigidas 34
3.2.1 Atividade fora da sala de aula 34
3.2.2 Atividade em sala de aula 36
3.2.3 Atividade anual escolar "Mostra Cultural" 38
3.3 As Interações Sociais nas Atividades Livres 42
3.3.1 Atividade em sala de aula 42
3.3.2 Atividade fora da sala de aula 43
3.4 Estratégias Relacionais Utilizadas Durante a Intervenção 44
3.5 Reflexões Analíticas 45
CONSIDERAÇÕES FINAIS 49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 51
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS
"Gratidão e esperança" 52
APÊNDICES 53

MEMORIAL

“A chama da esperança”

Quando criança lembro-me do meu primeiro contato com a escola aos quatro anos, quando entrei no Jardim II, em uma escola particular e localizada no Paranoá-DF, lá fiz o Jardim II e Jardim III, lembro que era uma escola pequena onde só havia três salas de aula para o Jardim I, II e III, possuía um parque sintético e muitas atividades recreativas, o que mais me marca de lá foi um dia termos encontrado uma lagarta e todos os alunos terem ficado assustados e com medo de que ela machucasse e a professora com todo cuidado e educação nos contou a história da lagarta e disse que ela se transformaria em uma linda borboleta, assim pegou-a e juntos acompanhamos todo o processo de transformação da lagarta, aquilo para mim foi incrível.

Como faço aniversário em agosto sempre fiquei com uma idade metade do ano e outra idade na outra metade, estava com quase cinco anos no Jardim II e no Jardim III 5/6 anos, e assim concluí a Educação Infantil. A próxima etapa era a 1ª série do Ensino Fundamental, onde minha mãe escolheu me colocar em escola pública do Plano Piloto, mas pela idade de 6 anos a rede não me aceitou na 1ª série e me matriculou no Jardim III novamente, em uma escola infantil na Asa Sul, onde não fiquei por muito tempo. Minha mãe conta que eu fazia tudo o que era proposto com muita facilidade e estava desanimada por fazer novamente a mesma série, então a escola reconheceu e solicitou que me matriculasse na 1ª série. Por incrível que pareça não consigo me lembrar de nada nesse pouco período que fiquei lá, cerca de 1 mês.

Assim fui para uma escola que ficava ao lado, também na Asa Sul, onde fui matriculada na 1ª série no período vespertino, me adaptei muito bem, pois ao chegar lá encontrei amigas que estudaram comigo na Educação Infantil, conseguia escrever e me desenvolver bem. No meio do ano minha mãe foi chamada a escola, onde a professora informou que eu fazia as atividades com muita facilidade e me destacava, propondo a ela a possibilidade de me avançar para a 2ª série. Mas minha mãe não aceitou, preferiu que eu fizesse todas as séries no tempo correto. Não me afetou continuar lá, pois minha melhor amiga desde o Jardim II era da mesma sala, no ano seguinte estando na 2ª série minha mãe novamente foi chamada a escola para a mesma proposta de avanço. Mas continuou sem aceitar, e assim fiquei lá por 4 anos, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série. Era uma escola

muito boa, tinha um excelente ensino, propostas de aula de computação, biblioteca interativa, brinquedoteca e várias festas de comemorações legais. Lá consigo lembrar de tudo, e o que mais me marcou foi que em cada sala havia uma porta que nos dava acesso a um canteiro onde fazíamos nossa própria horta e de lá eram tirados os legumes e vegetais para o nosso lanche, nos tempos livres também íamos para fora da escola em uma área verde que há até hoje ao lado da escola e brincávamos muito, foi muito bom.

Concluindo a 4ª série mudei de escola, e fui estudar em uma escola localizada na Asa Sul. Por algum motivo que não sei o qual insisti à minha mãe para que eu estudasse de manhã, e assim ela me matriculou. Eu estava longe das minhas amigas e sozinha em uma nova escola, mas logo consegui fazer amizades e me desenvolver normalmente na escola. Foi um período muito bom minha 5ª série, a escola tinha atividades diferentes, educação física, sala de artes, olimpíadas, cada disciplina tinha sua sala e nós que íamos para a disciplina do horário quando batia o sino, era tudo muito interessante, no ano seguinte 6ª série minhas amigas que eram da tarde vieram todas para de manhã e voltaram a estar comigo no mesmo turno.

A escola só possuía 5ª e 6ª série na época então no ano seguinte precisei mudar de escola, desta vez situada na Asa Sul onde fiz a 7ª e 8ª série, as matérias iam se complicando mais, íamos crescendo, mas as amizades se mantiveram e assim foi os dois anos, lembro que nessa escola eu tinha muita dificuldade para acordar cedo, e acabava faltando por pura insistência em não levantar da cama, me encontrei quase reprovada por falta, mas como tinha nota boa em todas as matérias a diretora não me deixou reprovar.

Em 2011 iniciei meu Ensino Médio, também em uma escola pública na Asa Sul, fiz o 1º ano no período da tarde que era o único turno que oferecia e foi tudo mais uma vez muito novo, a escola era imensa, com muitas propostas legais, de teatro, artes, inglês, espanhol, espaço cultural, horta, Educação física com muito espaço, provas interdisciplinares. Foi um ano muito diferente pois haviam cerca de 13 turmas somente de 1º de várias escolas do primeiro ano, então fazíamos muitas amizades e era uma nova fase, a escola dizia que a tarde só havia 1º ano por ser a maior quantidade de alunos, e que seguia como um funil, no 2º e 3º ano diminuía a quantidade de alunos, alguns saiam ou reprovaram.

No 2º ano fui para o período da manhã com a mesma turma do ano anterior e sempre correu tudo muito bem, nunca fiquei em recuperação nas matérias, no 3º ano eu já estava muito cansada dessa vida escolar e estava perdendo o ânimo, acho que também

por já começar a preocupação do que fazer quando acabar o ensino médio, até que abriu as inscrições para o vestibular onde a maioria da escola se inscreveu para treinar. Eu não fiz diferente, mas me inscrevi para o curso de Psicologia que era a profissão que eu pretendia seguir, mas no ato da inscrição errei em marcar cotas para negros, fui mudar para tentar retirar e no site dizia que não era possível se inscrever novamente no mesmo curso apenas em outro. Fiquei arrasada e então escolhi marcar pedagogia mas em ampla concorrência e sem ser para treino, como concorrente.

Assim fiz a prova no meio do ano de 2013, para minha surpresa fui aprovada, estava viajando e uma amiga me ligou dizendo que o resultado havia saído e que meu nome estava na lista, fiquei sem entender o que faria e sem acreditar, logo voltei de viagem e fui até a escola me informar sobre o que eu poderia fazer, minha família também pesquisou sobre. Descobrimos que poderíamos entrar com uma liminar para que eu entrasse na Universidade mesmo não tendo concluído o ensino médio, a diretora da escola perguntou se era mesmo o que eu queria, não sabia ao certo, pois queria mesmo cursar pedagogia mas como estava tão cansada do ensino médio, não pensei duas vezes e respondi que sim. Então entramos com a liminar e minha causa foi aceita para que eu fizesse um supletivo em 2 dias para concluir o ensino médio, pois além de eu não ter concluído o 3º ano, não tinha idade para fazer supletivo, fiz 11 provas em dois dias e assim conclui meu ensino médio.

Matriculei na Universidade, era tudo muito novo, tudo muito rápido e eu só me sentia ansiosa pelo que me esperava. No 2º semestre de 2013 com 16 anos entrei na UnB para o Curso de Pedagogia e aqui estou até hoje com 20 anos no 7º semestre, atrasada no fluxo por não conseguir pegar matéria em dois turnos devido ao trabalho, mas seguindo para a conclusão na medida do possível.

Dentro da UnB muito me ajudou e acrescentou crescer e ter maior responsabilidade o estágio que fiz na secretaria da UAB com a prof. Ruth Gonçalves, que sempre acreditou muito em mim e reconheceu todo meu potencial, me propondo desafios e mostrando que eu era capaz de ir muito além, jamais me deixando desistir, hoje não trabalho mais lá, fiz estágio em uma escola no Lago Sul onde também muito me acrescentou e me deu uma ampla visão do que é pedagogia, fazendo eu entender todas as teorias na prática e até mesmo descartando algumas falas que ouvimos na UnB, tudo tem sido um processo de grande aprendizado e contribuição para essa formação. Atualmente sou professora regente dessa mesma escola e atuo em uma turma de 2º ano do ensino fundamental no período vespertino.

Iniciei o Projeto 4 fase 2 no primeiro semestre de 2017 com a professora Sandra Ferraz. Realizei o estágio na escola em que terminava de ser contratada como professora. Sempre ao conversar sobre minha turma, compartilhava situações e questões que me causavam muitas indagações. Como parte do programa de estágio, tínhamos que desenvolver um plano de ação a partir de um mapeamento das demandas da turma. Assim planejei a intervenção que se tornou o piloto para a pesquisa realizada para o projeto 5. Era uma situação perfeita para o desenvolver do trabalho, pois eu já era a professora regente da turma. Além de realizar o trabalho interventivo, e desenvolver a pesquisa, eu também estaria ajudando a trabalhar com minha própria turma nas questões mais sensíveis que eles tinham. O principal ponto que me chamou atenção ao iniciar o ano com os alunos foram as interações entre eles, a dificuldade em ouvir um ao outro e conseguirem ter uma escuta sensível. Queria de alguma forma entender esse comportamento e saber como fazer a turma se desenvolver nesse sentido. Outro ponto que muito me atraiu foi a forma como a escola valorizava um ensino mais dinâmico e lúdico, apesar de ser muito exigente com o conteúdo. Com isso, tive liberdade de trabalhar com as crianças também brincando, desse modo, queria entender as diferentes aprendizagens tanto em sua forma de desenvolvimento quanto nos espaços que poderiam ser trabalhados. Com esses questionamentos surgiu o tema: “As interações sociais entre as crianças e as aprendizagens nos diferentes espaços escolares” para pesquisa e criação deste trabalho monográfico.

Assim, de forma resumida, se dá minha trajetória escolar e motivação para fazer com meus alunos propostas diferentes que marquem de forma positiva suas vidas, assim como aconteceu comigo. Ajudá-los a compreender o mundo com uma visão positiva e transformadora.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico trata das interações sociais e do desenvolvimento da criança nos anos iniciais em situações de aprendizagem, contrastando a qualidade das relações sócio-afetivas e as dinâmicas comunicativas nos espaços de sala de aula e fora de sala de aula. Especificamente é alvo de preocupação as interações sociais que tenham por base o respeito ao outro, o cuidado com o outro e o desenvolvimento de uma atitude mais colaborativa na aprendizagem. A série escolhida para o trabalho de campo foi o 2º ano, turma na qual a autora deste trabalho é professora. A turma consiste em 19 alunos, sendo eles 10 meninos e nove meninas, na faixa etária entre sete e oito anos. A turma está junta há seis anos, desde o Maternal I. São muito unidos, mas, há alguns alunos que, por alguma razão, parecem resistir à rotina escolar, seguir regras e não entender os por quês das atividades. Nas interações entre os colegas, existem casos de inflexibilidade; a turma em geral não se agride, porém, tem dificuldade em respeitar a vez e o espaço do outro. São bastante próximos, mas há falta de respeito.

As inquietações da professora-pesquisadora são: Como cuidar do outro? Como criar uma cultura de cuidado nas trocas possibilitadas em situações de aprendizagem escolar? O fato de todos falarem ao mesmo tempo. Como fazer eles se auto regularem? Eles têm muita perspectiva do eu, sem considerar o outro. Seria importante investir em momentos de autorreflexão, fazer as crianças conversarem sobre sua história em práticas compartilhadas: Antes eu era, agora eu sou... Tornar as auto narrativas em atividades que façam escutar o outro, as histórias do outro.

Como não criar uma dicotomia que seja sentida pelas crianças, na sua forma de ser, de se relacionar? Como promover mudanças nas formas de relacionamento, cuidar respeitar e considerar o outro pensando a dinâmica nesses dois espaços?

Tendo em vista as referidas problematizações a pesquisa tem por objetivo geral: Compreender as relações sociais em ambos os espaços de aprendizagem, dentro e fora de sala de aula; a natureza do trabalho pedagógico e as interações comunicativas e sócio afetivas possibilitadas nos dois espaços. Para tanto temos como objetivos específicos:

- Investigar as situações em diferentes níveis de diretividade nos dois espaços escolares para avaliar as formas de interações por meio de

trabalhos diferenciados planejados de acordo com o conteúdo previsto em planejamento para aquele período no espaço dentro e fora de sala de aula.

- Propor atividades, envolvendo três tipos de objetivos, sendo eles: Planejar uma atividade direcionada, onde a professora-pesquisadora tenha total controle do desenvolver da mesma, uma segunda atividade direcionada, mas onde as crianças não se sintam tão monitoradas e por fim, uma atividade onde as crianças se sintam mais livres para realizar o que lhes foi proposto de acordo com suas vontades. É válido ressaltar a importância de aplicar as atividades nos dois ambientes, dentro e fora de sala de aula, assim podendo observar como se faz as relações sociais entre os alunos em espaços, momentos e atividades distintas.
- Analisar qual ambiente foi melhor desenvolvida as atividades, onde teve maior participação das crianças, como foi a relação entre os envolvidos.
- Refletir sobre os mecanismos que ajudam compreender e mediar as relações sociais e interações com a turma.

Tendo em vista esses questionamentos, o estudo que resultou na presente monografia busca fazer uma mediação entre as crianças com atividades lúdicas e formais, rodas de conversas e registros, de forma a qual elas consigam entender seu espaço e também respeitar o espaço do próximo. Pretende-se expor a eles a importância de conhecer a si mesmo e dar espaço para conhecer o outro. Mediação é o ato de mediar, entre pessoas ou grupos e o conhecimento, fazer relação entre dois pontos, servir de ponte, suporte, para que, de alguma forma o conflito existente entre esses seja solucionado. A turma acima citada passa por conflitos sociais relacionados ao espaço onde pertencem, na relação eu-outro. Assim, busca-se trabalhar com a turma de uma forma voluntária, dando a essas crianças vez de fala, exposição de opiniões, interação em grupo, atividades coletivas, fazendo com que cada um consiga se ver como ser pertencente daquele espaço, de forma que as crianças se desenvolvem no sentido de compreender a existência e necessidade das outras crianças ali presentes.

Desse modo, a pesquisa teve por base autores como: Martins (2015), Branco (1993), Vygotsky (1998), Queiroz e Maciel (2006), que trazem estudos importantes à auxiliar na compreensão do indivíduo como ser pertencente de uma determinada cultura, como se dão as relações sociais, as interações e a sua importância para o

desenvolvimento do eu e eu-outro, as brincadeiras como parte fundamental da infância e o ato de mediação como forma de intermédio entre as relações existentes no ambiente escolar.

O presente documento monográfico está composto por três capítulos. O primeiro capítulo é composto pelo memorial educacional e introdução, no segundo capítulo encontram-se a revisão literária, a caracterização dos sujeitos e o desenvolver da pesquisa e por fim, o último capítulo traz os resultados e discussões obtidos na pesquisa e minhas perspectivas profissionais. No primeiro capítulo trago no memorial educacional minha trajetória e experiências relacionadas à educação, bem como uma breve introdução a respeito das minhas inquietações e problematizações que deram origem à este trabalho. No segundo capítulo está a revisão literária, como base da pesquisa, composta por autores que irão auxiliar nos questionamentos e problematizações, dando fundamentação para intervir de forma prática nesse projeto. Também a caracterização dos sujeitos como forma de conhece-los um pouco melhor para planejamento de atividades que surtam efeito no momento da intervenção e o desenvolvimento, onde apresento as atividades planejadas para a turma e o seu desenvolver. O terceiro capítulo consiste nos resultados obtidos com as crianças no projeto de pesquisa e minhas perspectivas profissionais, onde trago minha posição como professora atuante e o que espero alcançar no decorrer da profissão.

CAPÍTULO I

"EU, VOCÊ, NÓS"

1.1 A Importância das Interações nas Relações Sociais

O ser humano ao nascer inicia a sua história de vida e no decorrer dos anos muitas pessoas cruzam seu caminho, fazendo assim suas histórias partes umas das outras. Por meio da linguagem do contexto ao qual está inserida a criança passa a perceber as circunstâncias em que vive, fazendo a distinção de suas funções, onde por um lado ela se permite à comunicação, organização e reflete sua conduta, e por outro, expressa seus pensamentos e demonstra a importância dos fatores culturais que existem nas relações sociais.

Assim então Martins (2015) afirma que: "o confronto das concepções iniciais de mundo da criança com aquelas apresentadas pelos parceiros de seu ambiente torna-se fundamental para a apropriação de significados diferenciados que, dialogicamente, constituirão sentidos a serem negociados." Desse modo é possível compreender então alguns comportamentos apresentados pelas crianças quando expostas à contradição de suas opiniões por parte de seus iguais e que, esses confrontos de ideias são fundamentais para seu desenvolvimento acerca da compreensão de diferentes significados, fazendo com que a criança entenda não apenas o seu ponto de vista, mas que consiga também entender as colocações dos demais.

Desde pequenas as crianças são expostas a diversos tipos de relacionamentos e interações, sejam elas com adultos, outras crianças ou até mesmo o ambiente ao qual estão alocadas. Branco (1993) traz o conceito da sociogênese, que consiste na compreensão do ser humano diante da sociedade. Essa concepção tem como foco três aspectos essenciais a serem pensados numa perspectiva sociogenética. A contextualização cultural das interações, onde a autora aponta a importância de levar em conta o contexto histórico-cultural a fundo, de forma particular e interior a qual se dão as interações, não apenas de forma superficial e social, mas também na compreensão dos significados, valores, regras e expectativas interior de cada um e que ao mesmo tempo estão em constante negociação nos grupos sociais.

> Em uma sala de aula, por exemplo, quais os pressupostos, as convicções acerca dos papéis de cada um, quais as atribuições afetivas entre os participantes do grupo, quais as expectativas quanto aos

> resultados que se pretende alcançar e em que medida a realidade viva das interações observadas corresponde a tudo isto? (BRANCO, p. 1993).

Branco (1993) traz ainda nessa etapa a noção que as crianças podem ter a respeito das informações transmitidas pelo professor, onde elas podem ser aceitas e tidas como verdade legítima ou podem ser experimentadas e rejeitadas pelos alunos, surgindo aí atitudes negativas em relação ao professor.

O segundo e terceiro ponto, são os "processos de internalização", Branco (1993) trás o estudo de Vygotsky (1984) onde ele afirma que as funções mentais superiores ocorrem na ontogênese, que é o período de desenvolvimento desde a fecundação do óvulo até sua fase adulta, se dividem em dois momentos: o primeiro, ao nível das interações sociais (ou nível inter-individual) e o segundo, ao nível intra-psíquico (ou intra-individual). O movimento das situações externas para dentro do eu, é chamado internalização, um processo que se estende a todos os aspectos da experiência humana. Representando assim o mecanismo que fundamenta a "canalização cultural" (Valsiner, 1987) que faz a inserção do indivíduo no universo de significados e valores existentes na cultura ao qual ele vive. Contudo, é necessário enfatizar que esse processo é de natureza bidirecional, feito mediante a participação ativa da criança que está em desenvolvimento.

Essas ideias destacam a importância da fala como umas das formas de linguagens e expressões mais utilizadas, onde através dela se dá os significados sociais que são compreendidos e acordados Martins (2015). A fala, como uma modalidade e materialização verbal da comunicação interpessoal, é um dos meios pela qual a pessoa demonstra expressões afetivas, tornando-as fundamental para as interações: preferências, concordâncias, simpatias e até mesmo antipatias. O agir e o falar fazem uma ligação entre si e criam habilidades, sendo uma delas o pensamento discursivo.

> As interações sociais na perspectiva sócio-histórica permitem pensar um ser humano em constante construção e transformação que, mediante as interações sociais, conquista e confere novos significados e olhares para a vida em sociedade e os acordos grupais. (MARTINS, 2015, p. 116)

Conforme os espaços de convívio e as interações existentes na vida do indivíduo acontecer, as experiências vivenciadas, as trocas de ideias, a exploração por novos significados trará a ele novos olhares e uma melhor socialização diante os grupos ao

qual estará inserido, assim estando em constante construção e transformação de pensamentos.

1.2 O Desenvolver das Interações nas Brincadeiras e Atividades Lúdicas

No contexto educacional que buscamos compreender, as experiências se organizam em torno de objetivos continuamente negociados e em torno de métodos e conteúdo de ensino, sendo preciso levar-se em conta neste processo o estilo interacional e as características pessoais dos professores e alunos. Além desses fatores, é necessário considerar as estruturas de ação ou as regras de participação que estão embutidas na natureza das atividades desenvolvidas (BRANCO, 1993).

A sociedade ao qual pertencemos busca formar cidadãos capazes de pensar e que atuem por si mesmos. Dessa forma é necessário estimulá-los a trabalhar suas ideias, com discussões, a troca de diálogo com o outro, a fim de que sejam capazes de construir seu pensamento de forma competente para que suas práticas sociais sejam responsáveis. Quando proposto atividades que tenham por base as interações entre aluno-mundo, aluno-aluno e aluno-professor, essas garantem maior desenvolvimento em sua aprendizagem. Essas interações permitem ao aluno uma ampla visão do que lhe é proposto e a busca por ideias que vão para além do que está a sua frente.

Em muitas sociedades, a infância é uma etapa do desenvolvimento marcada pelo brincar, é no brincar que a criança vivencia a aprendizagem de forma lúdica, descobre a si mesma, começa a entender a realidade da sua sociedade e torna-se capaz de desenvolver seu potencial criativo. Branco em sua pesquisa sobre brincadeira e desenvolvimento sob uma perspectiva sociocultural construtivista (2006) cita John Flavell a respeito da metacognição. A metacognição é o conhecimento que as pessoas têm sobre seus próprios processos cognitivos e a habilidade de controlar esses processos, monitorando, organizando e modificando-os para realizar objetivos concretos.

Brincar é um direito garantido à todas as crianças pela Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Art. 16, inc. IV, que diz ser um direito à liberdade: brincar, praticar esportes e divertir-se, levando para além do prazer, envolvendo a interação com os demais envolvidos, o pensamento, forma de expressão, a comunicação, solução de conflitos e até mesmo um ser crítico, sendo assim considerada como atividade essencial para o desenvolvimento infantil.

Desde o nascimento a criança já se depara com a brincadeira, inicialmente como forma de prazer e reconhecimento de familiares e dos ambientes que o cercam, No decorrer do seu desenvolvimento, a criança constrói novas e diferentes competências para brincar, tornando-se o contexto social um mecanismo que auxilia e lhe permite pertencer e compreender de forma mais ampla a sociedade a qual está inserida. Em cada faixa etária a brincadeira irá sendo estruturada pela própria criança de acordo com o que ela é capaz de fazer em determinado momento do seu desenvolvimento, e é através desse meio que a criança constrói sua autonomia para se relacionar com o mundo de maneira ativa, vivencia diversas experiências e aprende a tomar decisões.

Para Vygotsky (1998), a criança nasce em um meio cultural repleto de significações social e historicamente produzidas, definidas e codificadas, que são constantemente ressignificadas e apropriadas pelos sujeitos em relação, constituindo-se, assim, em motores do desenvolvimento. Diante disso, a brincadeira e o faz de conta são considerados espaços e meios de construção do conhecimento para as crianças, de forma que tal se apropria dos significados que através da brincadeira é transmitido. O objeto considerado brinquedo já traz consigo um significado, porém, no decorrer do desenvolvimento da criança, esse objeto vai se transformando e se adequando ao momento e necessidade que ela sente para usá-lo conforme convém.

> A brincadeira oferece às crianças uma ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e tomada de consciência: ações na esfera imaginativa, criação das interações voluntárias, formação de planos da vida real, motivações e oportunidade de interação com o outro, que, sem dúvida contribuirão para seu desenvolvimento. (BRANCO, QUEIROZ E MACIEL, p. 2006).

Dessa forma o brincar é de extrema importância no desenvolvimento infantil, quando através da brincadeira a criança cria meios para transformar e produz novos significados.

> Assim, a interação de membros mais experientes com menos experientes de uma dada cultura é parte essencial da abordagem vygotskiana, especialmente quando vinculada ao conceito de internalização: é ao longo do processo interativo que as crianças aprendem como abordar e resolver problemas variados. É por meio do processo de internalização que as crianças começam a desempenhar suas atividades sob orientação e guia de outros e, paulatinamente, aprendem a resolvê-las de forma independente. (MARTINS, p. 116, 2015).

Martins (2015) em seu estudo a partir do pensamento de Vygotsky, traz a concepção onde as crianças ao estarem em contato com adultos compartilham às palavras, seus significados e sentidos de formas diferentes. Neste processo, os sujeitos mais experientes ao interagir com as crianças às estimulam não só apenas na compreensão e apropriação da linguagem, mas para além, criando possibilidades para a criança elaborar sua linguagem particular, a fim de compartilhar em sua vivência infantil com outras crianças.

Portanto, o ato de brincar proporciona o entendimento do querer e não querer participar, a compreensão das regras, a reflexão das mesmas e faz da criança um ser pensante para criar e recriar ideias e meios para sua participação e interação no meio social ao qual se dá a brincadeira e/ou qualquer outra forma de aprendizagem e desenvolvimento do ser humano.

CAPÍTULO 2
METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa relacionada à área das ciências humanas, de natureza qualitativa, em que é utilizado o método de investigação científico com o foco no caráter subjetivo do objeto analisado, assim estudando suas particularidades e experiências individuais, visando um universo de significados, valores, crenças e/ou motivos ao qual se dão mais a fundo as interações, de modo que os sujeitos fazem parte desse processo de conhecimento. Numa pesquisa qualitativa o objetivo não é contabilizar quantidades como resultado, mas sim conseguir compreender o comportamento de determinado grupo alvo da pesquisa (MINAYO, 2010).

Para compreender as interações que se dão no meio social das crianças, faz-se necessário uma observação participante, a qual se justifica da seguinte forma:

> Situação de pesquisa onde observador e observado encontram-se face a face, e onde o processo de coleta de dados se dá no próprio ambiente natural de vida dos observados, que passam a ser vistos não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos que interagem em dado projeto de estudos. (SERVA; JÚNIOR, 1995).

Desta forma, o trabalho aqui apresentado tem por objetivo a busca pela compreensão das interações entre as crianças no ambiente escolar, ao qual estão inseridos diariamente e que os levam a aprendizagem e relacionamento no meio social.

2.1 Contexto da Pesquisa

A pesquisa interventiva (SALAMUNES, 2004) foi realizada em uma escola particular localizada no Lago Sul, onde atende cerca de 800 alunos matriculados do berçário ao 5º ano do ensino fundamental. A turma escolhida para esse trabalho foi a do 2º ano, onde sou responsável como professora. Em 20 de novembro de 1996, fundou-se a escola para oferecer a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. *"Tudo que é bom nasce de um sonho de amor", eis a máxima que sempre orientou a vida de sua idealizadora. Um sonho que concretiza realizações gratificantes, na luta de evitarem-se circunstâncias de repetição, desânimo e acomodação. O espaço físico escolhido não poderia ser mais propício – uma ex-chácara familiar.*

A escola é organizada por setores contando com: Direção administrativa e pedagógica, que tem a função de organizar, administrar e orientar todas as atividades no âmbito administrativo e pedagógico. A secretaria com função de registro, documentação e atendimento interno e ao público, os serviços técnico-pedagógicos envolvendo: serviço de orientação educacional SOE, serviço de coordenação pedagógica SCP e serviço de recursos audiovisuais. Outro serviço é o técnico administrativo de apoio como maior parte de componentes, onde conta com a área de contabilidade, serviço de zeladoria, equipe de professores, alunos, turmas, atividades extracurriculares em horários contrários como: Projeto bilíngue, natação, futsal, capoeira, ballet, esgrima, tênis, judô, canto, aulas de violão, piano e circo. O horário de funcionamento se inicia as 7h30 às 20h00, e para atender toda a demanda de atividades a escola conta com uma grande área verde formada por campão, quadra de esportes, duas piscinas, parquinho com brinquedos de plástico, biblioteca, cantina, refeitório, horta, área de concentração, anfiteatro, centro de convivência, oito salas para o setor administrativo, sala dos professores, depósito de materiais, duas salas para uso do esporte, seis banheiros para esporte, vinte e seis salas de aulas e dois banheiros a cada duas salas, separados em masculino e feminino.

Ao assumir a turma como professora, observei questões de conflitos entre as crianças de várias ordens. Na semana de provas, por exemplo, há também atividades regulares conforme o planejamento semanal. Porém, como professora-pesquisadora faço questão de desenvolver atividades lúdicas fora de sala, porque considero que as atividades de sala muito maçantes e poucas produtivas na semana de provas. As crianças estão mais tensas, mais agitadas e perdem a paciência de trabalhar em sala. Sair de sala é uma orientação da escola. Gosto de fazer atividades lúdicas no espaço externo, mas em função da demanda do conteúdo, muitas vezes, essas atividades ficam prejudicadas. A escola recomenda priorizar atividades lúdicas. Mas, compatibilizar as atividades lúdicas fora da sala e de dentro da sala (mais focadas na realização de atividades direcionadas para o conteúdo) é um conflito.

Levando em consideração esse quadro, o projeto interventivo teve como objetivo pedagógico trabalhar valores e habilidades relacionais no processo de inserção das crianças no meio escolar, por meio do desenvolvimento de atitudes de respeito, de cuidado ao outro e de expressão de si mesmo. Para o estabelecimento de relações de respeito na rotina escolar, o projeto contou com atividades que possibilitam práticas colaborativas e de diálogo, no intuito de ampliar a compreensão de si mesmo, do outro e

a relação com o espaço. Outro aspecto importante do projeto foi investir no estreitamento das relações entre professora e aluno, para isso estabeleceu-se zonas de diálogo durante e após cada atividade, possibilitando trocas autobiográficas e rotinas de argumentação. A cada atividade, foi construído um espaço simbólico em que a professora poderia realizar sua ação mediadora possibilitando a transformação das relações interpessoais por meio das atividades de conhecimento. A transformação do projeto interventivo em pesquisa contou com observação participante das atividades realizadas. Foi dado destaque ao processo de diálogo e às interações sociais.

O projeto interventivo na concepção de Salamunes (2004) foi mobilizado pelas seguintes questões: Como ensinar as crianças a terem um melhor relacionamento, respeitando o próximo? Como fazer das atividades escolares algo produtivo e prazeroso e não algo massacrante? Como associar as interações ao prazer de estar na escola e aprender? Como não criar uma dicotomia que seja sentida pelas crianças, na sua forma de ser, de se relacionar? Como promover mudanças nas formas de relacionamento, cuidar respeitar e considerar o outro pensando a dinâmica nesses dois espaços?

2.2 Caracterização dos Sujeitos

Para trabalhar com uma turma, faz-se necessário conhecer suas particularidades. São elas que ~~te~~ o levarão a planejar as aulas, quais estratégias utilizar e objetivos a serem alcançados. Ser professor, vai para além do ensinar, é se fazer presente na vida de cada um, é confiar e dar confiança. Todas as crianças passam maior parte de seus dias na escola e estabelecem vínculo com seu professor, fazendo assim daquele lugar um ambiente que os deixe seguro, confiante e capaz. Sendo assim, foi estabelecido algumas informações que ajudarão a trabalhar com esta turma:

Aluno 1. Uma menina meiga, educada, tem um bom rendimento escolar, não é de falar muito, porém se socializa bem com os colegas e é respeitada por todos.

Aluno 2. Criança alegre, carinhosa e se desenvolve bem na parte da aprendizagem, realiza as atividades com rapidez e facilidade. Entretanto, na parte de socialização encontra algumas barreiras, têm dificuldade em aceitar regras que não sejam do seu agrado, chora e se comporta com imaturidade ao ouvir uma opinião contra a sua, não consegue olhar nos olhos, faz sons como bebês, não está muito atento ao que acontece ao seu redor, gosta de viver no seu mundo e em certos momentos chega a falar sozinho,

em alguns casos parte para a agressão física. Contudo, é uma criança bastante afetiva e querida pelos demais colegas.

Aluno 3. Menino desinibido, compreende bem as atividades, porém se distrai com facilidade, um pouco manhoso, mas ao mesmo tempo bem resolvido, gosta de ajudar as pessoas e de ter o controle sobre tudo. Sua dispersão em alguns momentos lhe causa atraso nas atividades, o que o deixa nervoso e com vontade de chorar, necessita de um olhar atencioso e um "jeitinho" na hora de se referir a ele.

Aluno 4. É um menino alegre, esperto, bem resolvido, adora ajudar os amigos, tem um bom relacionamento com a turma, respeita e é respeitado pelos colegas, seu desenvolvimento na parte cognitiva é bom, gosta sempre de cativar as pessoas.

Aluno 5. Aluno com dificuldade na realização de atividades, disperso, precisa sempre estar na frente para que a professora supervisione a todo momento para que assim consiga realizar as atividades, veio com uma certa insegurança do ano anterior, o que está sendo trabalhado com o aluno. Se socializa bem com os colegas, porém, em alguns casos gosta de incomodar os outros, rindo ou provocando verbalmente, tem também uma certa imaturidade e resistência em admitir seus erros, sempre apontando um culpado para tudo.

Aluno 6. Um menino comportado, inteligente, esperto e muito querido por todos os colegas. Tem bastante facilidade na realização das atividades, pouco ouve sua voz em sala, pois é uma criança tímida, adora ajudar ao próximo e de fácil socialização com os demais.

Aluno 7. Aluno inteligente, esperto, com ótimo rendimento escolar, um pouco conversador, necessita que a professora o controle quanto ao excesso de conversa, porém faz tudo com rapidez e capricho. Interage muito bem com os colegas, é querido por todos, sensível e respeita o próximo.

Aluno 8. Aluna educada, comportada e bastante participativa, se socializa bem com os colegas e os respeita da mesma forma. Conversa um pouco em excesso, mas está sempre bem atenta e alerta ao que se passa em sala de aula. É exigente e se cobra bastante no seu pedagógico, responde as atividades com muita facilidade e adora ajudar o próximo.

Aluno 9. Uma criança bem resolvida, que cativa os amigos e gosta de estar no controle das situações, em alguns casos provoca os amigos com risadas e falas desagradáveis, necessita de intervenção para entender o que se pode ou não fazer, aceita as críticas para sua melhoria mas precisa também expor seu pensamento, quando não é ouvido se estressa. É carinhoso, faz amizade com facilidade e tem um bom rendimento escola, possui uma pequena dificuldade, mas sempre questiona e tira suas dúvidas, estudava em período contrário na escola, é novo na turma, mas foi muito bem recebido e se socializou com bastante facilidade.

Aluno 10. Menina delicada, educada, esperta e inteligente. Pouco ouve sua voz em sala, mas sempre está a ajudar os colegas e se preocupa com o bem-estar de todos, madura, bem resolvida e querida pela turma. Tem um bom rendimento escolar, compreende com facilidade e busca sempre dar o seu melhor.

Aluno 11. É uma criança alegre, muito inteligente e criativa, pulou uma série, o que faz com que seja a aluna mais nova da turma, é bem criteriosa a quem se relacionar, gosta de todos da turma e é bem recebida pelos mesmos, madura para sua pouca idade e bem observadora. Gosta muito de leitura e desenhos, nem sempre gosta de estar no meio das brincadeiras mais agitadas, necessita em certos casos que a professora interfira para que tenha uma melhor interação. Vive no seu mundo e é um pouco dispersa, em certos momentos são necessários chamar sua atenção mais de duas vezes para que escute, pois tem um foco muito grande quando realiza alguma atividade, seja ela qual for e esquece do mundo ao redor.

Aluno 12. Uma menina muito desenvolvida, inteligente, que adora atenção. Gosta de dar e receber carinho e sempre ajudar o próximo, tem um bom relacionamento com a turma, porém é ciumenta e se sente em alguns casos excluída, o que faz necessário a intervenção da professora para que tenha uma melhor socialização com os colegas. Faz as atividades com rapidez e capricho.

Aluno 13. É uma criança ativa, participativa, que adora contar o que acontece com ela mesma, educada, atenciosa, preocupada com os demais, tem um bom desenvolvimento pedagógico e social, é bem recebida pela turma e bem participativa.

Aluno 14. Menina bem resolvida, educada, muito esperta e inteligente, gosta muito de participar das atividades e de estar no meio dos amigos, bem colaborativa e atenta. Se

destaca na turma por sua maturidade e sensibilidade de ajuda ao próximo. Realiza todas as atividades com bastante facilidade, atenção e capricho.

Aluno 15. Garoto carinhoso, educado, bastante esperto e compreensivo, suas amizades têm muito valor e gosta de ajudar o próximo, se destaca por seu comportamento e educação. É participativo e atento.

Aluno 16. Uma menina querida por todos. É esperta, mas ao mesmo tempo apresenta certa distração nas atividades propostas, é necessário que a professora sempre esteja vistoriando para que ela não se perca ou fique para trás. É bem resolvida mas demonstra comportamento imaturo, onde não sabe controlar suas emoções e se torna uma criança explosiva, sem saber como lidar com seus sentimentos, quando algo não está de seu agrado costuma gritar com os colegas e em alguns casos até agredi-los, necessita de orientação e supervisão. Na parte pedagógica consegue realizar suas atividades sozinha, porém no seu tempo.

Aluno 17. Uma criança esperta, agitada e que gosta de chamar atenção. Tem boa socialização com os colegas, não gosta de ser incomodado, mas ainda é imaturo para perceber que em certos momentos incomoda os amigos com certas falas de provocações e ironias. Necessita de auxílio a professora para uma melhor socialização, e sempre que algo acontece procura a mesma para ajudar a resolver seus problemas. Na questão pedagógica consegue se desenvolver bem, mas é necessário um foco total, se distrai e atrasa com facilidade, tem a escrita fraca ainda, necessita de estímulo nessa área.

Aluno 18. É um menino doce e educado, se socializa bem com a turma, porém, tem brincadeiras mais infantis que os demais, fala pouco e consegue se resolver no meio que convive. Na parte pedagógica tem certa dificuldade e maior lentidão, o que é necessário ajuda e auxílio da professora para que consiga realizar as atividades. Não tem o entendimento ainda de responsabilidade, de organização e tempo, precisa de orientação da professora.

Aluno 19. Criança inteligente e bastante esperta, se relaciona bem com a turma e é bastante acolhida pela mesma. Tem um pedagogico bom, sem dificuldade na realização das atividades. Seu social em alguns momentos é necessário intervenção para que consiga compreender melhor as situações, em certos momentos acredita que os colegas o incomodam por motivos simples e gosta de contar a professora sobre isso.

2.3 Procedimentos

É importante considerar a relação com o espaço externo da sala de aula é um diferencial da escola. A escola é uma chácara, com uma área verde ampla, um campão como é chamado pelas crianças, muitas árvores frutíferas em todos os espaços da escola, horta, jardim, área de concentração, entre outros. A escola sempre está renovando os espaços na área externa. As crianças gostam de ir para fora. As atividades de fora de sala exigem interações diferentes. Assim, o trabalho de campo, em função da sua especificidade de trabalhar as interações sociais, propiciou momentos de atividades planejadas de aprendizagem e de construção de conhecimento no espaço da sala de aula e no espaço fora da sala de aula, tentando destacar o espaço lúdico em ambos os espaços.

A intervenção aplicada à pesquisa (Salamunes, 2004) aconteceu entre fevereiro a outubro de 2017. Contou com a elaboração de um plano de ação, do qual foram destacadas seis atividades para análise neste trabalho monográfico, adicionada de uma atividade institucional que foi uma mostra cultural, realizada em outubro. Todas as atividades deram destaque à momentos de diálogo e negociação, incluindo o processo de produção e apresentação das crianças. As atividades, em especial as discussões foram gravadas em áudio e algumas situações videogravadas, com as devidas autorizações dos responsáveis das crianças participante. Observação participante (SERVA; JÚNIOR, 1995) foi o método de construção de informações utilizado mediante o projeto interventivo. As produções das crianças foram registradas em fotos. As situações também foram descritas em um diário de campo.

Também foi realizado um trabalho documental com as crianças, em que elas tinham que registrar suas impressões e soluções em um diário individual reflexivo. O trabalho analítico se utilizou desses instrumentos e registros de forma a contemplar os objetivos deste trabalho. As análises foram construídas a partir de duas atividades dirigidas, duas parcialmente dirigidas e duas atividades livres. O plano de ação contou com uma conversa qualificada antes e depois da finalização da sequência de atividades propostas.

CAPÍTULO 3
RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. As Interações Sociais nas Atividades Dirigidas

Para dar início a parte prática do projeto, comecei com as atividades dirigidas, onde as crianças necessitam de total orientação e com o objetivo de chegar a um resultado esperado por mim. Essas atividades eram relacionadas ao conteúdo escolar do período com o intuito de ajudá-los a compreender melhor de uma forma mais dinâmica, mas com o foco direcionado principalmente às interações. Foram duas atividades direcionadas sendo elas:

3.1.1. Atividade fora da sala de aula

A primeira atividade foi desenvolvida com base no conteúdo de matemática, onde as crianças estavam aprendendo sobre o tempo e as horas, no relógio analógico e também no relógio com ponteiros, para essa idade o primeiro contato pode ser um tanto quanto complexo, tendo em vista essa questão, organizei uma brincadeira para que dessa forma a aprendizagem das horas pudesse se tornar um pouco mais concreta para eles. Utilizei barbante, pedaços de papéis para escrever os números de um a doze e fita adesiva. Escolhi doze crianças para colar com fita adesiva os papéis em suas camisas, cada criança com um número. Separei mais quatro crianças, uma para ser o ponteiro das horas, o ponteiro dos minutos, outra dos segundos e a última seria o meio do relógio, aquela que seguraria todos os ponteiros. Duas crianças me ajudaram com a organização, escrita, colagem dos números e recorte dos barbantes, outra ficou responsável para escolher as horas durante a brincadeira.

Figura 1. Atividade "Relógio humano com barbante!"

Fomos até uma sala vazia que tem na escola, pedi a todos que estavam com os números em suas camisas que sentassem em círculo na ordem do relógio, pedi a uma criança que ficasse no meio, e as outras três próximas a ele. Recortei junto aos meus ajudantes pedacinhos de barbantes onde colocamos quatro pedaços entre cada criança, simbolizando ali os tracinhos dos minutos, recortamos mais três pedaços de barbantes, um representando o ponteiro das horas, outro dos minutos e por último dos segundos. Entreguei os barbantes dos ponteiros as crianças que estavam no meio, pedi à criança central para segurar as três pontas e os demais a ponta do barbante ao qual cada um estava representando.

Figura 2. "Relógio em funcionamento"

Assim deu-se início a atividade, uma criança escolhia uma determinada hora e os ponteiros deveriam rodar com o barbante até marcar o horário indicado pelo colega, lembrando sempre que em sentido horário. Foi feito um esquema de rodízio, de forma

que todas as crianças tiveram a oportunidade de ser os ponteiros, os números e o indicador da hora.

Todas as crianças participaram da atividade, demonstraram interesse, um espírito colaborativo, porém, algumas sentiram dificuldade em esperar sua vez para trocar de função, o que lhes causavam ansiedade e falta de respeito com o próximo, essas crianças pressionavam os demais e disputavam a vez para troca.

3.1.2. Atividade em sala de aula

A segunda atividade também foi relacionada à um assunto trabalhado em matemática nesse período, a multiplicação, o conteúdo estava sendo apresentado para as crianças pela primeira vez, com isso, achei interessante apresentar de uma forma lúdica para uma melhor fixação do conteúdo. Com essa dinâmica aprendemos a tabuada do dois, três e quatro. Utilizei com a turma massinha de modelar, papel criativo, papel contact, caneta hidrocor, caixinhas e tesoura. Dentro da própria sala de aula pedi às crianças que afastasse as cadeiras e sentassem em círculo, entreguei a cada criança um pedaço de massinha e pedi a elas que dividissem e fizessem com aquele pedaço 5 bolinhas cada um. Enquanto faziam as bolinhas organizei um tipo de roleta com o papel, colocando números de 1 a 10. Após fazerem as bolinhas recolhi e coloquei em um pote grande que seria de uso coletivo. Fiz uma bolinha maior que foi usada por cada criança para jogar na roleta.

Figura 3. Atividade "Multiplicando com massinha!"

Começamos com a tabuada do dois, cada criança jogava a bola na roleta, o número em que caia teria que ser multiplicado por dois, exemplo: caiu no 7, então a criança teria que fazer a multiplicação 2x7, para isso utilizaram as bolinhas de massinha para auxiliar, as duas caixinhas ficavam em frente cada criança, junto ao pote com as bolinhas, ela deveria colocar a mesma quantidade do número sorteado nas duas caixinhas e depois somar, assim ele resolveria as multiplicações. Depois fizemos com 3 caixinhas para a tabuada do 3 e também com 4 caixinhas para a tabuada do 4. Desta forma eles tiveram a noção de que precisam repetir o mesmo número quantas vezes fosse solicitado para resolver a conta de multiplicação.

Durante a realização da atividade toda turma criou muita expectativa ao ver o pote de massinha, ao entregar um pedaço para cada um deles e pedir para fazer bolinhas. Foi bastante divertido, pois a turma já não tem mais tanto contato com o material, fizeram as bolinhas conversando, ajudando o amigo, avisando quantas estavam faltando, bastante atenciosos e prestativos. A atividade se desenvolveu de forma tranquila, divertida e bem colaborativa.

3.2. As Interações Sociais nas Atividades Parcialmente Dirigidas

Após realizar com a turma essas duas atividades direcionadas e ver as interações que houveram entre a turma, passei para a segunda etapa, onde também organizei duas atividades, porém dessa vez elas foram parcialmente dirigidas, nesta etapa busquei pensar em atividades a qual eu orientasse mas deixasse as crianças um pouco mais à vontade para fazer suas escolhas e interações.

3.2.1. Atividade fora da sala de aula

A primeira atividade parcialmente dirigida foi relacionada ao conteúdo de ciências, onde as crianças estão estudando os tipos de plantas e suas características. A escola dispõe de uma ampla área verde e nada melhor do explorar esse conteúdo com a turma em contato direto com as plantas.

Figura 4. Atividade "Conhecendo as plantas!"

Utilizamos o caderno de ciências, estojo individual com lápis preto de escrever, lápis de cor e borracha e iniciamos a atividade nos organizando em sala, pegando os materiais para sair até o anfiteatro da escola. Chegando lá pedi para que se sentassem em um semicírculo e expliquei como seria a atividade. Primeiro a turma iria ficar livre para observar os tipos de plantas que existiam naquele ambiente e as suas características. Após essa observação cada criança iria escolher uma planta que muito lhe chamou atenção e no caderno escrever o nome da planta, suas características, exemplo: Rasteira, sem frutos, com folhas verdes e etc. E para finalizar realizar um lindo desenho dessa planta e colorir. Poderiam se sentar perto da planta ou onde achassem melhor.

Figura 5. "Observando as características das plantas em equipe"

As crianças ficaram encantadas com as plantas, conversaram muito entre elas, mostraram uns aos outros as cores, os bichinhos que passavam pela planta, os frutos que

tinham, sorriam quando achavam engraçada, chamaram os amigos para ficar perto, chamaram até a mim para mostrar como eram altas, suas cores e formas. Foi bastante produtivo e interativo, não houve conflitos nem reclamações. O espaço diferente favoreceu as interações, lhes causando maior curiosidade e vontade de ter o colega por perto para observar e conversar sobre as plantas.

Figura 6. "Interação entre as crianças e a natureza"

3.2.2. Atividade em sala de aula

Outro assunto trabalhado em ciências são os animais, nesta semana era necessário fazer um mural com a turma, então escolhi uma atividade com tinta e animais colados em 3D, com o objetivo de eles escolherem seus animais, observar sobre eles e depois apresentar para a turma. Foram necessárias duas folhas de papel branco para cada aluno, tintas guaches, pincéis, lápis de escrever, lápis de cor, tesoura, borracha, pedaços de eva, copos plásticos e cola.

Figura 7. Atividade "Animais e suas características"

Organizei a turma em grupos na própria sala de aula, entreguei a cada um deles uma folha branca e em cada grupo coloquei dois copos descartáveis, um com tinta azul outro com tinta verde, em cada cor coloquei dois pincéis e pedi para que pintassem meio a meio da folha com as duas cores, parte de baixo verde, parte de cima azul, esse seria o nosso fundo. Enquanto o fundo secava entreguei novamente uma folha branca para cada aluno e pedi para que escolhessem dois ou três animais e fizessem o seu desenho, bem detalhado, patas, cobertura do corpo, tamanho, cor e ao terminar cada um deveria recortar o seu animal. Enquanto a turma recortava, fui chamando em minha mesa de dois em dois para fazerem o tronco e as folhas das árvores, o troco passando o pincel normalmente e as folhas seriam com batidinhas do pincel nas folhas. Demos continuidade no dia seguinte para dar tempo do fundo secar totalmente. Após o fundo ficar pronto, entreguei pedacinhos de eva as crianças para colagem no local onde queriam que seus animais ficassem, e em cima do eva colaram seus animais, assim o trabalho ficou com a ideia de imagem em 3D.

Figura 8. "Elaboração do trabalho artístico para o mural"

As crianças se sentiram muito entusiasmadas com a organização e preparação da atividade, cada um organiza sua mesa, ajudaram uns aos outros, tudo era novidade, pois nunca haviam mudado as cadeiras de lugar. Durante a atividade não havia pincel para todos então era necessário esperar o colega, todos tiveram paciência e compreensão para aguardar sua vez, conversavam entre si escolhendo seus animais e como seria, quando o colega tinha dúvida sobre alguma característica do animal, o outro ajudava lembrando

como era. A atividade se desenvolveu de uma forma incrível, com participação e interação entre as crianças, domínio de conteúdo e exploração dos espaços.

Figura 9. "Mural criado pelas crianças"

3.2.3. Atividade anual escolar "Mostra cultural"

Outro momento que fez parte das atividades parcialmente dirigidas foi a mostra cultural. A escola dispõe também de um projeto chamado "mostra cultural", onde recebemos um tema geral e cada turma fica com um tema específico, este ano o tema geral foi: "água" e a turma de pesquisa ficou com o tema: "fundo do mar, águas vivas, plantas aquáticas, água das plantas e água das frutas", esse projeto tem por objetivo trabalhar assuntos que conscientizem as crianças, foram feitas pesquisas a respeito do tema e levado a eles, assistiram vídeos de curiosidade e filmes infantis que mostravam um pouquinho sobre o fundo do mar e prepararam muitas atividades artísticas relacionadas ao tema. Toda semana era realizado um trabalho de forma com que os alunos passassem o ano explorando seu tema, essas atividades trouxe a turma maior interação, onde eram feitos trabalhos em grupo e que necessitava da colaboração de uns com os outros. As crianças faziam desse momento uma brincadeira, pois se sentiam mais livres, com a sala organizada de forma diferente e materiais que não eram de uso diário.

Figura 10. Atividade "Mostra Cultural!"

Figura 11. "Atividades produzidas pelas crianças: aquário"

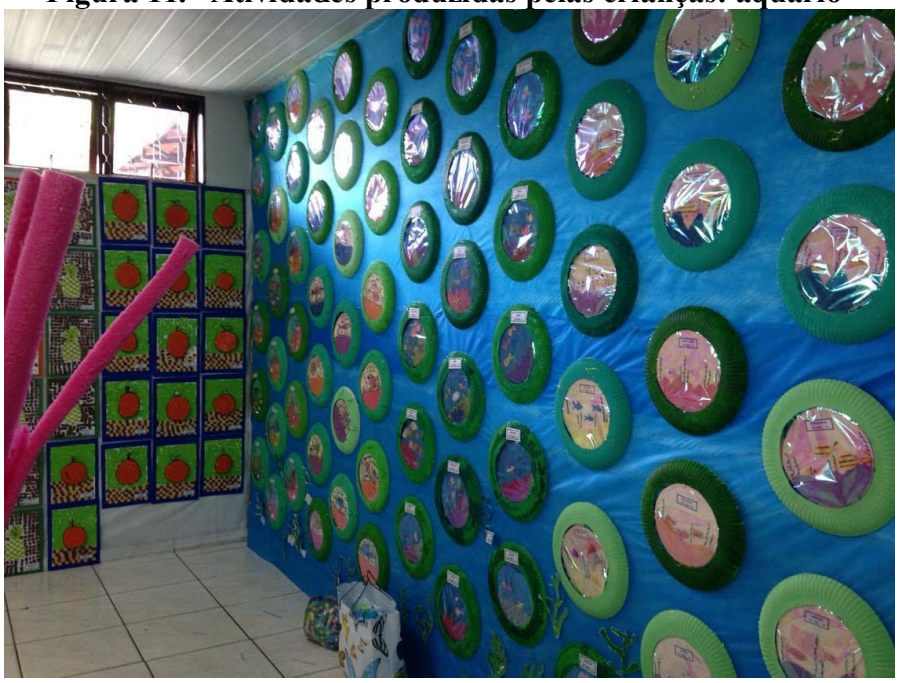


Figura 12. “Atividades produzidas pelas crianças: peixe de cd, fundo com caixas de ovos, corais de massinha feita por eles”

Figura 13. “Atividades produzidas pelas crianças: Corais com massinha e canudinho, submarino carimbado com as mãos”

Figura 14. “Atividades produzidas pelas crianças: Frutas com grande quantidade de água em mosaico com emborrachado colorido cortado em cubinhos”

Figura 15. “Atividades produzidas pelas crianças: Plantações feitas pelas crianças com as famílias e plantação hidropônica com rolinhos de papel higiênico e sementinhas plantadas pelas crianças em sala de aula”

3.3. As Interações Sociais nas Atividades Livres

Nesse tópico a ideia era deixar as crianças bem à vontade, não literalmente sem um comando ou orientação, mas de forma que eles tivessem maior parte de escolha no que e como fazer.

3.3.1. Atividade em sala de aula

Adiantei com a turma o conteúdo da semana, combinei com eles para que trouxessem um brinquedo de sua casa, para que tivéssemos um momento do dia direcionado à brincadeiras. Quando chegou o dia, nem todos levaram brinquedos. Porém, eles não se preocuparam, pois sabiam que os colegas iriam emprestar uns aos outros, até porque a maioria da turma levou jogos de tabuleiro, o que me deixou bastante surpresa.

Havia chegado a tão esperada hora da brincadeira e quando liberei, todos logo começaram a se organizar na própria sala de aula, afastando as cadeiras e abrindo espaço para expor seus jogos. Muito me impressionou a postura colaborativa da turma, a disposição em ajudar uns aos outros, em interagir e se organizarem de forma autônoma para que todos fizessem parte daquele momento. Mesmo alguns levando brinquedos comuns, os deixaram guardados e se reuniram para jogar os jogos de tabuleiros. Formaram na turma três grandes grupos. Eles conseguiram se organizar sozinhos e jogar com tranquilidade. Quando perguntei a eles se queriam sair de sala para um outro espaço, todos sem exceção responderam que não, que estava legal daquela forma em sala de aula.

Foi bastante interessante porque nenhuma criança ficou sozinha. Uns chamavam aos outros para brincar. Alguns formaram grupos até mesmo com crianças com as quais não brincavam de costume. Conseguiram ouvir o colega explicar o jogo para que pudessem começar a jogar. Não houve uma reclamação e acabei até participando dos jogos. Aí todos quiseram que eu estivesse em seus jogos ao mesmo tempo, precisei revezar minha participação nos jogos, foi bem divertido.

Durante as brincadeiras algo me chamou muita atenção. O aluno nº 2, quem tem dificuldade na socialização, pois não sabe lidar com frustrações, levou um jogo e seis crianças se reuniram junto a ele para jogar. Todas falavam ao mesmo tempo e o jogo não começava, quando de repente, com calma, ele disse: “Pessoal, calma, escutem as regras, deixa eu ensinar.” A partir desta fala, todos pararam de falar e prestaram atenção

a explicação dele, dando início ao jogo. Fui surpreendida com essa atitude, a forma da criança em pensar como solucionar aquele momento e aos demais por dar espaço de fala para a colega.

3.3.2. Atividade fora da sala de aula

Para a segunda atividade, na disciplina de Português estávamos reforçando muito a leitura com as crianças e o gosto por essa prática. Achei válido escolher algo relacionado a leitura para propor uma atividade livre com a turma. Em minha sala de aula tenho um baú mágico. Quando o uso, digo às crianças que é um objeto muito especial, que nos leva para além da imaginação, que pode explorar todas as nossas emoções e sentimentos. Na metade da tarde notei a turma um pouco agitada, decidi parar as atividades de rotina com o livro didático, então peguei o baú e pedi para que fizessem uma fila para irmos até o campão da escola. Chegando lá, coloquei o baú no chão e pedi para que todos se aproximassem. Eu disse que ali seria o nosso momento mágico, onde íamos explorar todos os nossos sentimentos e emoções. Abri o baú e pedi para cada criança escolher um livro e que poderiam ficar em duplas, trios ou grupos. Eu disse que era da escolha deles e que eles poderiam ficar onde eles quisessem naquele espaço para relaxarem com aquele livro.

As crianças ficaram bastante curiosas ao me ver pegar o baú, pois até então jamais o havíamos aberto. Ao chegar no campão ficaram impressionados com tantos livros e com o local onde fomos fazer sua leitura, pois era diferente do habitual. De forma geral todos se relacionam bem e procuraram estar em grupos, sentaram, deitaram, correram, se divertiram e exploraram seus textos, nem todos leram as palavras, mas fizeram a leitura das imagens. Na hora de guardar os livros no baú, três crianças me pediram para contar as histórias que haviam lido, isso muito me chamou atenção, pois não havia combinado desta forma. Fizemos então uma grande roda e ouvimos as histórias, as demais crianças da turma, ao verem os três colegas contarem, se sentiram à vontade para falar também, por fim, todos da turma dividiram com a turma a sua leitura.

Gostei muito da parte colaborativa pois um ia complementando o que o outro esqueceu de falar da história, porém, em alguns momentos, algumas crianças não conseguiam ter calma para ouvir a história do amigo, queria que o colega acabasse logo para ele poder falar, precisei pedir que tivesse calma e que prestasse atenção nos colegas, pois quando chegasse sua vez iria gostar de ser ouvido também.

3.4 Estratégias Relacionais Utilizadas Durante a Intervenção

Parte da estratégia pedagógica era expor à turma as propostas de cada atividade no início da rotina diária. Aí discutíamos como seriam desenvolvidas cada atividade e traçados combinados para sua realização. Ao fim de todas as aulas, foi utilizado como estratégia rodinhas de conversas. Era o momento onde conversávamos sobre o dia, o que não agradou e o que agradou cada um, como poderíamos melhorar etc. Levei para as rodinhas histórias de livros infanto juvenis que ilustravam situações de conflitos compatível com as que as crianças estavam vivenciando naquele momento.

Após a conversa em rodinha, eram feitas anotações no diário coletivo da turma. Uma ferramenta concebida a fim de registrarmos o que aconteceu em cada dia. Essa estratégia teve efeito significativo, pois eles escutavam suas atitudes e refletiam sobre elas. Em minha participação nas conversas, eu intervinha enfatizando a necessidade de busca diária pela melhoria do comportamento, como respeitar o amigo, a importância de nos colocarmos no lugar do outro. As dinâmicas dialógicas nas rodinhas e na escrita do diário coletivo fizeram com que as crianças compreendessem melhor seus próprios conflitos.

Um episódio interessante foi quando, em uma de nossas primeiras rodinhas, entreguei um pedaço de papel e lápis para cada criança e pedi para que escrevessem um sentimento ou algo ruim que estava incomodando. Elas escreveram e então conversamos sobre esses sentimentos, refletimos sobre ele. Depois, pedi a cada criança que rasgasse e jogasse na lixeira, assim era como deveríamos fazer todos os dias, jogar as coisas ruins fora. Mas para isso, tínhamos que aprender com elas, conversar e refletir e melhorar dia após dia. Desde então, essa análise diária na rodinha vem melhorando bastante as interações entre a turma.

Tendo em vista esses relatos, podemos confirmar a visão de Martins (2015) acerca da apropriação de significados da criança a partir das diferentes concepções de mundo vivenciadas por elas, compreendendo e relacionando aos conflitos existentes, onde foi possível perceber a apropriação dos sentidos por parte das crianças, de tal

forma que os levou a negociar situações trazendo melhorias ao relacionamento do grupo.

Outra estratégia interessante também foi o diálogo com a família. No início do ano, quando assumi a turma, os pais se faziam muito presente na escola, mas em especial, na semana de provas. Por exemplo, na revisão de uma dada semana de provas, organizei uma revisão coletiva com atividades fora e dentro de sala de aula. Fiz uma gincana na área externa, com perguntas escondidas em garrafas Pets pelos jardins, e formei grupos que deveriam buscar e responder as perguntas. Dessa forma, foram revisadas as questões da prova brincando, que considero ter sido muito produtivo. As crianças sabiam, lembraram e ensinaram umas às outras. Entretanto, a revisão de sala de aula, com as questões postas no caderno, ficou um pouco comprometida pelo tempo. Eles começaram a fazer e ficaram na metade. Por isso, o caderno não foi enviado para casa com toda a revisão (questões de prova com as respostas "certas"). Isso causou conflito, pois há uma intensa participação dos pais na cobrança das atividades escritas. Minha orientação como professora para os pais sobre como realizar a revisão para as provas com as crianças foi a de que os pais converssassem de forma lúdica na revisão para a prova, mas observo que não é o que os pais fazem, eles massacram as crianças com um método de estudo cobrado normalmente para crianças maiores.

No decorrer do ano, nas reuniões com os pais fui podendo mostrar que eles ainda são crianças e que estão se desenvolvendo muito bem, expliquei como estudar de uma forma mais lúdica, divertida e que desse prazer aos pequenos, assim melhorou a relação com os pais, onde os mesmos perceberam que a aprendizagem e o social as crianças se desenvolvem muito melhor quando trabalhado de forma apropriada a idade. Embora a cultura brasiliense do vestibular e do concurseiro internalize e canalize afetivamente os valores dos pais.

3.5 Reflexões Analíticas

Em primeiro lugar, gostaríamos de considerar as situações em diferentes níveis de defectividade nos dois espaços escolares.

As interações sociais nas atividades dirigidas mostraram que parte das crianças são ansiosas e sentem dificuldade em esperar o comando, ou a entrega do material e por esse motivo buscam a conversa como forma de escape, mas ao mesmo tempo foi possível notar que esse comportamento partiu por conta do grande interesse e

entusiasmo com as aulas. Atividades lúdicas e brincadeiras que trabalham o mesmo conteúdo ao qual está no planejamento escolar desperta maior interesse por parte das crianças, elas se tornam mais participativas e colaborativas uns com os outros. É notável também a melhoria na aprendizagem e fixação dos conteúdos ali propostos, afinal todas as atividades lúdicas e brincadeiras desenvolvidas nas atividades dirigidas estavam diretamente relacionadas aos conteúdos escolares.

As interações e relacionamentos entre a turma e com a professora pesquisadora foram, de forma geral, satisfatórias. Todas as crianças participaram das atividades propostas, deram espaço de fala à professora, e ajudaram os amigos. Tendo em vista que a proposta foi pensada para ser aplicada em dois ambientes, dentro e fora de sala, a turma muito se interessou pelos espaços fora de sala, pela quebra da rotina, mesmo em situação de atividade dirigida. Porém, com o desenvolvimento das ações interventivas, foi possível perceber que as crianças aproveitaram de forma igual os dois locais, mostrando que, o que torna mais agradável são as atividades lúdicas, brincadeiras e dinâmicas independente do espaço em que estão sendo realizadas.

Com base nesta observação, associamos os acontecimentos citados ao ponto de vista de Branco (1993), onde as crianças têm suas noções a respeito das informações transmitidas pela professora, o ouvir do comando, os combinados para a realização das atividades, e as mesmas podem ser aceitas ou serem experimentadas pelos alunos, de modo em que maior parte da turma teve uma participação ativa desde o começo da proposta, com organização e compreensão no momento da explicação. Por outro lado, apenas duas crianças demonstraram desinteresse com conversas e desatenção no início. Eram crianças muito voluntariosas e queriam sempre ter certeza se a proposta ia de acordo com suas vontades. E, assim então, tornavam-se integrante das atividades.

As interações sociais nas atividades parcialmente dirigidas foram desenvolvidas de forma bastante agradável, onde todas as crianças, sem exceção demonstraram bastante interesse e se tornaram muito mais participativas. Dentro e fora de sala, por se tratar de atividades diferentes do tradicional e da rotina da turma, apesar de abranger o mesmo assunto das aulas convencionais, causou-lhes entusiasmo para a execução em ambos espaços. O espaço livre, ao qual puderam estar em contato direto com a natureza e a sala reorganizada de uma forma diferente ao comum. O fato de serem organizadas em grupos e não em fileiras como de costume, parece haver proporcionado à turma mais interesse, concentração e disposição para realização das atividades. Ao longo do tempo, se mostraram muito solidários e colaborativos uns com os outros e até mesmo com a

professora. Interagiram com mais tranquilidade e escutavam o colega com mais atenção no desenvolvimento e na confecção dos trabalhos.

As atividades parcialmente dirigidas foram muito bem-sucedidas nos dois espaços, porém, a atividade fora de sala lhes proporcionou uma maior interação com todo o grupo, puderam andar entre as plantas, observar, mostrar uns aos outros, a professora também esteve mais próxima e integrada nas conversas iniciadas por eles no ambiente externo. Todos se sentiram mais à vontade para colocar seus pontos de vista e curiosidades, escolher o lugar e a planta ao qual se identificaram mais. Então nesse momento a proposta fora de sala teve um melhor retorno por uma ampla área de exploração envolvendo o tema trabalhado. Quanto a sala de aula, há uma limitação nessa exploração livre. Nota-se que quanto maior o leque de opções e possibilidades dadas a eles, melhor o desenvolvimento da atividade e mais colaborativas são as interações interpessoais.

As interações sociais nas atividades livres se caracterizam pela maior liberdade de escolha, pois mesmo sendo consideradas atividades livres, havia uma supervisão e intenção a ser observada pela professora. As crianças interagiram bem nas atividades em ambos os espaços, dentro e fora da sala de aula. Observei que sempre havia uma criança chamando por um colega, ninguém ficou sozinho, houve organização e calmaria tanto em sala de aula quanto fora. Foi possível notar amadurecimento por parte deles quando comparando às atividades anteriores. Inclusive, as crianças chamavam por minha participação e interação com elas. A diferença entre as propostas em relação ao espaço, quando estavam fora de sala as crianças buscavam explorar todos os espaços e eles ficavam muito dispersos, senti que em sala foi mais delimitado, mas nada que afetasse o desenvolvimento das brincadeiras, pois aconteceram de forma natural e espontânea por parte deles.

Com relação ao nível de diretividade das atividades, consideramos que as atividades dirigidas são extremamente importantes para o desenvolvimento e que necessitam de uma maior organização e planejamento, para conseguir atrair a atenção da criança. Nessa etapa foi possível notar a fuga deles para outros assuntos, a curiosidade nas coisas que acontecem ao seu redor, necessitando de intervenções lúdicas e dinâmicas que traga a informação ao nível de entendimento do mundo da criança, causando-lhe assim o seu interesse. As atividades parcialmente dirigidas são muito interessantes a se desenvolver com a turma pois nesse sentido a criança passa a perceber que também pode expor suas ideias e pensamentos nas atividades, que ela já é capaz de

participar de forma mais autônoma e consciente, assim estimulando a criança quanto à uma atitude responsável em relação a ela e aos demais envolvidos. As atividades livres são fundamentais nesse contexto, o brincar faz parte da infância e de do desenvolvimento da criança, todos precisam de momentos livres para compreender o mundo, o espaço do outro e a si mesmo, é o momento onde eles se sentem capazes de agir com autonomia, cuidando do próximo e buscando atitudes colaborativas, é onde exploram diversas situações que posteriormente os levarão a agir de forma responsável em qualquer ambiente e atividade a qual estejam inseridos.

Buscando compreender todas essas dinâmicas, nos diferentes espaços conseguimos associar a participação do professor ao estudo de Martins (2015) a respeito do pensamento de Vygotsky quando vemos que, as crianças ao estarem em contato com adultos compartilham significados, palavras e sentidos de formas distintas. Mas que nesse mesmo contexto o papel do professor como sujeito mais experiente estimula as crianças a uma maior compreensão do mundo, com atitudes mais reflexivas, maior entendimento dos espaços envolvendo eu-eu e eu-outro, criando assim possibilidades da criança criar uma linguagem particular para utilizar em sua vivência com outras crianças.

Visando ainda as observações feitas no projeto de pesquisa é de extrema importância citar o ato de brincar como parte fundamental para com o desenvolvimento infantil. É a partir das brincadeiras que as crianças começam a entender as regras, suas vontades, entre elas o querer e o não querer, aprendem a refletir sobre elas mesmas tornando-se assim um ser pensante, capaz de criar e reinventar estratégias para sua participação na brincadeira e uma melhor interação no meio social seja nas brincadeiras como em qualquer outra forma de aprendizagem e crescimento como pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao assumir como professora da turma do 2º ano, meu primeiro pensamento foi: “Eu quero oferecer o melhor à essa turma”, então, comecei a observar cada um deles e me surgiu alguns questionamentos: “Como não criar uma dicotomia que seja sentida pelas crianças, na sua forma de ser, de se relacionar? ” “Como promover mudanças nas formas de relacionamento, cuidar, respeitar e considerar o outro pensando em dinâmicas dos diferentes espaços escolares? “

Essas questões levam para uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e sociais instituídas pela cultura escolar. Em se tratando da turma foi utilizado mecanismos que me desse a oportunidade de observá-los tanto no meio social quanto na aprendizagem e em diferentes espaços escolares, sendo eles dentro ou fora de sala. Criei com a turma um diário, onde ao final de cada aula fazíamos uma grande roda e conversávamos sobre o dia, comportamento, conflitos, o que agradou, o que poderia melhorar e íamos anotando. Tal mecanismo ajudou as crianças a se sentirem mais à vontade para expor seus pensamentos e o que sentiam, mostrando aos demais o que agradava ou não a cada um, trazendo ali um momento de reflexão, também sempre era lido as informações do dia anterior com a intenção de fazer uma comparação onde eles vissem a melhoria e buscassem cada vez mais alcançar pontos positivos ao invés de negativos.

Branco (1993) coloca como pontos a serem trabalhados em sala de aula a respeito dos papéis de cada um, as relações afetivas entre a turma e o que se pretende alcançar. É possível confirmar que dar espaço de fala a eles foi fundamental para uma melhor interação entre os pares e até mesmo à professora, ficando claro a importância de cada um naquele grupo, mostrando assim que a base para bons resultados está no diálogo.

Se tratando da aprendizagem nos diferentes espaços escolares, tendo por base as observações e intervenções, foi possível notar que a sala de aula quando concebida como transmissão de conteúdo, ao que nos referimos por forma tradicional, apenas focada na repetição da leitura e escrita, não causa interesse às crianças e o rendimento não é bem-sucedido. Porém, quando esse mesmo espaço é utilizado com atividades dinâmicas, lúdicas e apropriadas para a faixa etária das crianças, essa sim proporciona um bom desenvolvimento e aprendizagem por conta dos envolvidos. Os espaços fora de

sala podem ser considerados como complemento para exploração dos conteúdos previstos no cronograma escolar. O contexto ao ar livre cria possibilidades de novas aprendizagem e dá novas perspectivas de mundo para a criança, proporcionando a ela experimentar novas interações, com pessoas e até mesmo com o ambiente.

Branco, Queiroz e Maciel (2006) trazem a concepção da brincadeira como forma de desenvolvimento da criança, o mesmo se relaciona às atividades lúdicas em espaços escolares distintos, onde através desse mecanismo a criança encontra espaço para mudanças que se adequem às suas necessidades, à tomar atitudes conscientes, motivação e oportunidade de interação com o outro e com o mundo. Fazendo de momentos significativos como a brincadeira um estímulo para seu desenvolvimento.

É possível analisar que uma aprendizagem significativa e desenvolvimento não dependem apenas dos espaços ao qual se dão, mas sim das propostas e mediações que apresentamos às crianças. É nesse momento em que o profissional da área de educação deve intervir como indivíduo mais experiente, utilizando de meios que atendam às necessidades de sua turma, impulsionando-os em seu desenvolvimento e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO, Angela Uchoa. Sociogênese e canalização cultural: contribuições à análise do contexto das salas de aula. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 1, n. 3, p. 9-17, dez. 1993 .

MARTINS, João Carlos. Vygotsky e o papel das interações sociais em sala de aula: Reconhecer e desvendar o mundo. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação. Universidade. Universidade Norte do Paraná,, 2012.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SALAMUNES, N.L.C. A observação na pesquisa e na intervenção educacional. **II SIPEQ – Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos.** Bauru**,** Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos, 2004. Disponível em: <http://rooda.edu.ufrgs.br/pagusers/salamunes/Obser2.pdf>. Acesso em: 28 jun 2017.

SANTOS, Marcos Eduardo dos. Da Observação Participante a Pesquisa-Ação: uma Comparação Epistemológica para Estudos em Administração. Disponível em: <http://profmarcoseduardo.xpg.uol.com.br/pessoal/facef_pesq.pdf>. Acessado em> 9 abr. 2017.

SERVA, M.; JAIME JR, P. Observação participante e pesquisa em administração: uma postura antropológica. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.1, p. 64-79, mai/jun 1995.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto , v. 16, n. 34, p. 169-179, Ago. 2006 .

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

“Gratidão e Esperança”

Ao ingressar no mundo acadêmico da pedagogia, não me imaginava como professora, buscava sempre atividades que não envolvessem crianças por pensar não dar conta, ilusão a minha. Hoje tenho o privilégio de trabalhar em uma escola particular e me considero a pessoa mais feliz do mundo nesta profissão. Acredito que ser educador é estar em constante aprendizado, é dar sempre o seu melhor e amar o que faz. Tenho muita expectativa na profissão, sei que tenho muito a oferecer e aprender com os pequenos. Me identifico com as séries iniciais do ensino fundamental, as experiências de turmas que tive me marcaram de uma forma linda e poder fazer parte da aprendizagem e desenvolvimento dessas crianças é muito gratificante.

Apesar de trabalhar em escola particular, se for da vontade de Deus atuar em escola pública, será um grande privilégio também. Quero sempre ter em mim a esperança e força de vontade para oferecer aos meus alunos o melhor que eles possam ter, ver no rostinho de cada um a alegria pelo estudo e saber que fiz parte disso.

Espero alcançar muitas crianças, famílias, lugares. É desafiador e às vezes até cansativo, mas no final sempre vai valer a pena toda dedicação ao ver os resultados na vida de cada pequeno. Nem sempre tudo dará certo, mas saber que eu tenho a chance de transformar, essa será minha maior motivação diária.

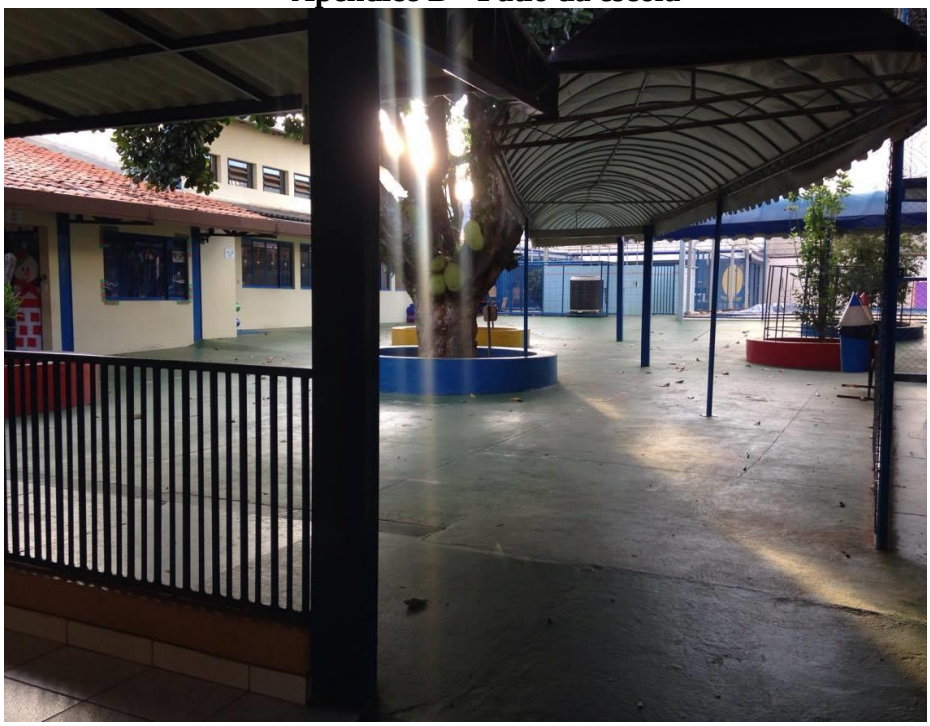
APÊNDICES

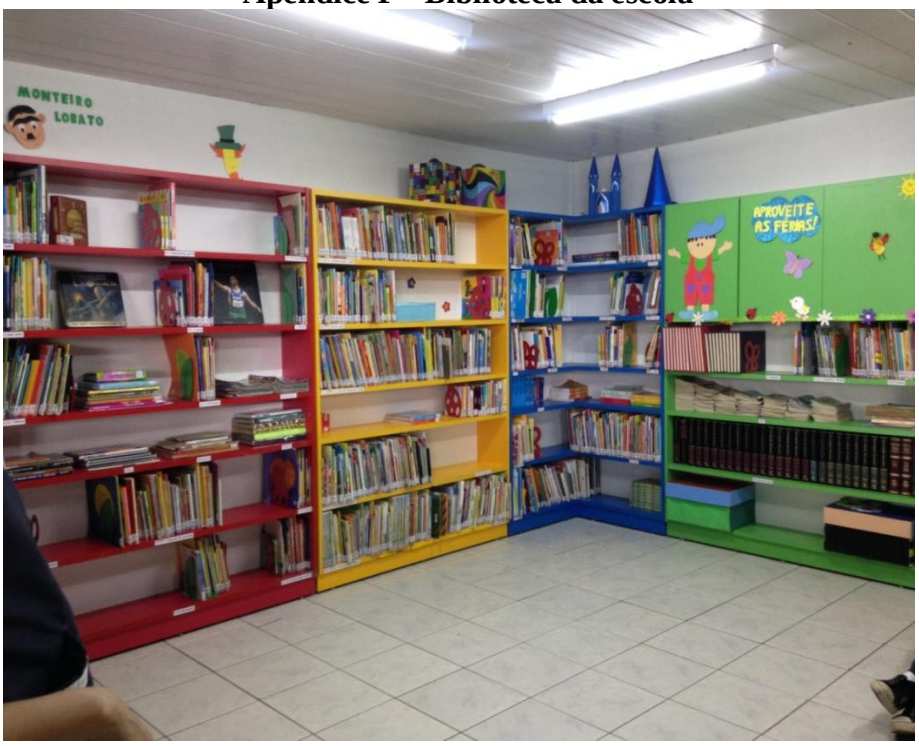
Apêndice A - Pátio da escola

Apêndice B- Espaço de convivência – Entrada da escola

Apêndice C - Parque de areia

Apêndice D - Pátio da escola



Apêndice E - Sala de aula 2º ano

Apêndice F - Biblioteca da escola